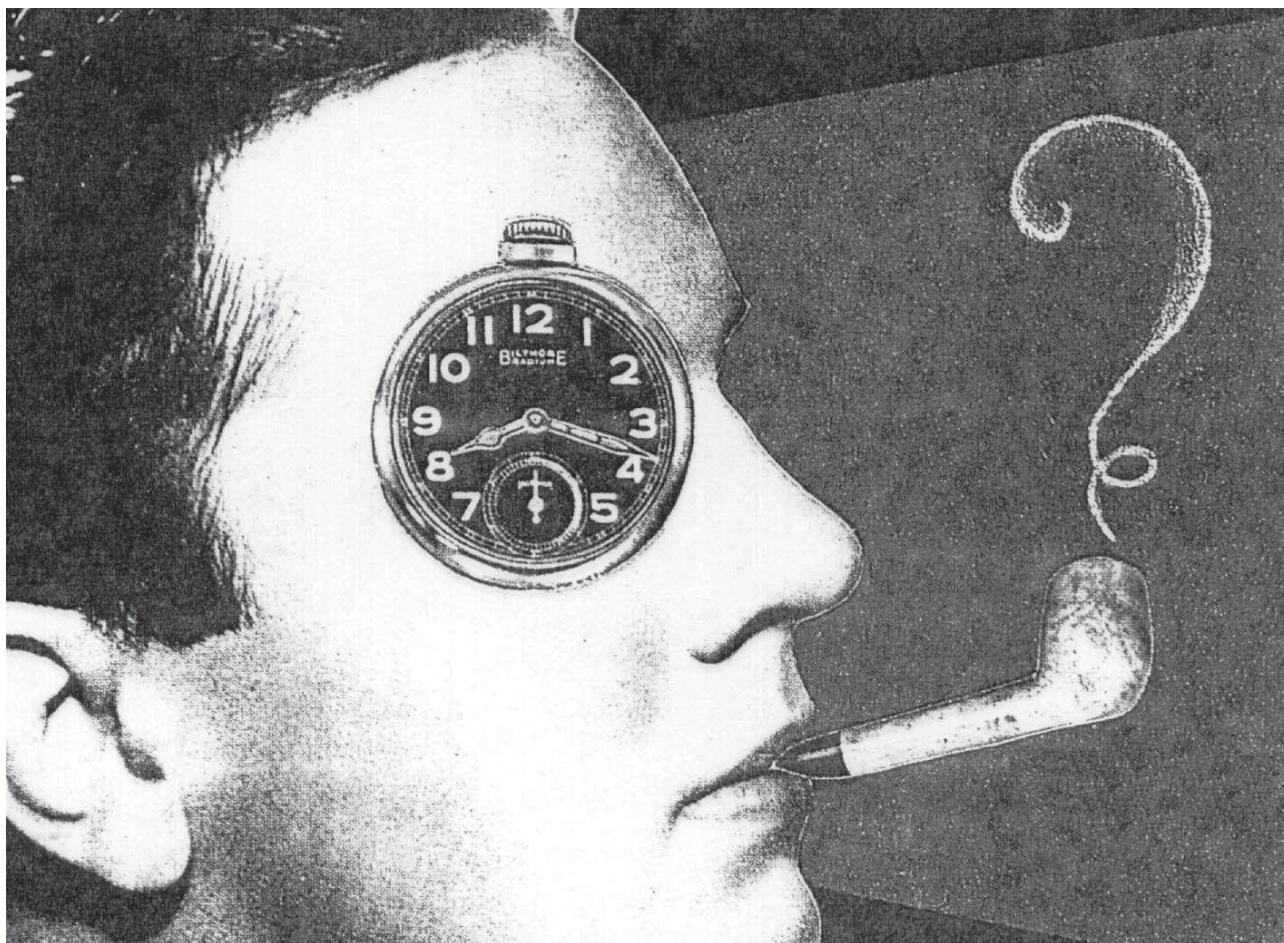


O artigo discute a drogadicção no contexto da fragilidade da função paterna na cultura contemporânea.

Palavras-Chave: Função Paterna, Drogadicção,
Psicanálise, Cultura.



This article discusses drug addiction in the context of the fragility of the paternal function in contemporary culture.

Key words: Paternal function, Drug Addiction, Psychoanalysis, Culture.

Função Paterna

Alberto E.
Alvarez

Médico, Psicanalista -
Centro de Estudos Freudianos -
Campo Grande - MS

Muitos descobrimentos ocorridos no princípio do nosso século possibilitaram grandes modificações no pensamento simbólico e científico. Isto também aconteceu nas artes, especialmente na literatura e nas artes plásticas e visuais. Além disso, a chegada da psicanálise influiu na atual concepção do amor.

Este século também foi marcado por experiências coletivas da ordem do horror, que antes não haviam sido experimentadas pela humanidade, e provocaram rupturas simbólicas na transmissão de uma geração à outra. Faço aqui referência às duas guerras mundiais, principalmente à segunda grande guerra, que através do nazismo, especificamente, influiu diretamente na nossa geração.

Seria interessante perguntar-nos, como consequência característica dessa época da história, com que conta nossa cultura atual como cena vigente, e uma vez destruídas as mitologias antigas, desmontadas as religiões que surgiram do cristianismo, quais são os recursos do pensamento moderno, para conceber o fundamento trágico, o abismo diante do qual se enfrenta nossa existência? Os gregos tinham o conceito do destino e a função de intérprete dos oráculos. Como enfrentar na nossa época, a necessidade de por em palavras e não atuar, a cena humana do incesto e do homicídio com a finalidade de frustrar sua realização na vida cotidiana? Utilizando palavras de Freud: com que contaria a cultura atual para ser protegida dos indivíduos? As instituições, normas e mandamentos funcionam para cumprir essa tarefa? A nossa cultura ainda impõe renúncia do pulsional e da compulsão?

Hoje falamos de canibalismo e antropofagia cultural como maneiras em que a cultura atual (meios de comunicação) se

apropriar e denegar a existência do inconsciente, por exemplo banalizando sua difusão. Se pudessemos fazer menção a um afeto patognômico deste século, esse seria o horror. O mal estar atual na nossa cultura provém da impossibilidade de perceber e metabolizar as profundas modificações, tanto as provenientes dos grandes descobrimentos do pensamento e das artes, como do horror vivido.

Com que contaria a cultura atual para ser protegida dos indivíduos?

Os novos paradigmas estabelecidos neste último século são dificilmente simbolizados devido a experiência geracional da segunda guerra mundial e o horror despertado como resistência.

Freud estabelece que a cultura e a história de determinado povo se transmitem através das gerações, bem como a história e a continuidade desse indivíduo, e assim se expressaria seu desejo de imortalidade. Mas isso se mantém assim hoje em dia? Recordei um provérbio popular ligado ao desejo de imortalidade, bem como um acréscimo contemporâneo:

TER UM FILHO

PLANTAR UMA ÁRVORE

ESCREVER UM LIVRO, e segundo uma campanha publicitária se agregaria

DOAR UM ÓRGÃO

Esta campanha publicitária que tem como objetivo conseguir um benefício para a humanidade, estaria também estabelecendo um novo paradigma neste desejo tão antigo do ser humano? Os três primeiros enunciados propõem o mistério da vida, o mistério da paternidade, a maternidade e o passo das gerações. O quarto propõe uma nova “ilusão” a partir dos avanços da ciência. E ao mesmo tempo anula um mistério no sentido que isso que se doa, esse órgão concreto permitiria a possibilidade de imortalidade. Não me oponho a doação de órgãos nem me oponho aos transplantes, quero é chamar a atenção para a particularidade dessa conexão, inteligente como publicidade, mas que pode nos esclarecer um pouco mais sobre o sentido atual e a estrutura da filiação.

É verdade o que pensava Freud, que sobre o futuro podemos dizer pouco e que vale a pena conhecer o presente e o passado. Então,

nada direi do futuro, mas sim do passado para ver se assim podemos entender um pouco mais do presente atual.

Em “O futuro de uma ilusão” Freud menciona as proibições dos desejos pulsionais que deram origem a cultura e que seriam: incesto, canibalismo, e ânsia por matar e esclarece que somente o canibalismo aparece proscrito em todas as partes. O que estes desejos teriam em

comum, seria o homicídio. Poderíamos dizer que todo crime é o assassinato de um pai, ainda que isso não aconteça de maneira concreta. As sociedades contemporâneas estão, segundo o meu ponto de vista, insuficientemente

comprometidas com as suas próprias posições em relação à articulação do proibido: a construção institucional do princípio de Razão na humanidade e as estruturas normativas, graças aos quais os indivíduos de gerações sucessivas se tornam humanos.

No nosso século existe uma questão que não está clara, que é a normatividade que dá à filiação seu valor de verdade. Isto se relaciona diretamente com o cataclismo que representou o nazismo para a nossa civilização, cujo efeito ainda não podemos medir. Um tema que tem relação com o que estamos tratando, é o seqüestro dos filhos de desaparecidos, nascidos em cativeiro na Argentina. No Brasil mencionaríamos o tráfico de crianças. Nos dois países se comentam histórias sobre roubos de crianças e tráfico de órgãos, e na Europa se relaciona com a terrível baixa da taxa de natalidade.

O programa do nazismo, nos seus fundamentos, constituiu um dano a todo sistema referencial europeu, em especial à filiação. Para poder explicá-lo melhor, farei alusão a um momento inaugural na cultura, onde se imprime uma relação entre corpo e verdade, relação que está alterada no regime nazista. É difícil para nós percebermos como foi prejudicada nossa estrutura cultural e como certas estruturas de representação de loucura ao nível de massas e de políticas desenvolvem efeitos incontrolláveis. O Concílio de Jerusalém trata sobre o tema da circuncisão na época dos apóstolos. Para a lei judaica, a filiação está referida a uma marca corporal (circuncisão) e por este Concílio se institui uma nova ligação genealógica, à maneira dos romanos, desmaterializada. A circuncisão ma-

terial é substituída pelo batizado cristão, como uma interpretação espiritual em oposição à puramente somática. Com o nazismo volta-se a um ponto em que se desarticula essa ligação, voltando à interpretação da filiação pelo corpo. A utilização do argumento do corpo legitima a supressão do intérprete. Isto está baseado em uma suposta asseveração científica, e dessa maneira o CIENTIFICISMO inaugurado por Hitler perdura na nossa cultura, com todo seu esplendor (os gens em lugar da causa).

Para expor as novas leis raciais o nazismo apela à ciência e dessa maneira desqualifica o princípio do discurso fundador, porque faz com que a representação do homicídio passe do registro da metáfora ao da realidade (desmetaforização), que é precisamente um dos mecanismos descritos nas dependências às drogas.

Na desmetaforização se desarma uma cena mítica que funcionava como ligação desde a antiguidade, neutralizando os fantasmas do homicídio, desprendendo o indivíduo da pulsão homicida e delegando-a ao divino. Uma das cenas mitológicas é o sacrifício de Abrão. Na história, Abrão é considerado o segundo grande pai da humanidade. Ele foi capaz de assumir um sacrifício supremo: aceitar o mandato divino de assassinar ao seu filho Isac. Na nossa cultura é considerada cena inaugural da função Paterna, função de Pai. O Pai é instituído como aquele que liga e desliga o filho em relação com o homicídio, o Pai está na posição de ser o homicida do filho e também o que o indulta. Isto tem que ver com o destino da onipotência em uma família e como se inscreve sua relação com a referência fundadora. O Outro da cultura, a Lei.

Não é que Abrão ate e desate a Isac por arbitrariedade, ele ocupa a função genealógica do “sacrificador”. Isto tem que ver com o tema da diferenciação do filho com respeito à mãe, ou seja, que todo filho também deve nascer do pai “ex patre natus” (diziam os antigos). No mito de Dionísio, ele nasce da perna de Zeus. Pois bem, quando se produz esta diferenciação se organiza a ligação genealógica. Abrão nos aparece no extremo limite da renúncia de si mesmo, já que um filho representa um sinal de eternidade. Que está acontecendo atualmente para que o ofício de Pai seja

frágil? Quando perguntamos que é um Pai, nos olhamos sobressaltados. Talvez seja melhor perguntar: que é um filho? Pois não existe na constituição humana nada mais incerto que a noção de Pai. Esta imagem de Pai serve como um dique a um terrível abismo onde habitam a compulsão ao incesto e ao homicídio. Acredito que é mais fácil compreender que é o Pai como função quando colocamos o Pai no lugar de filho. Um filho que, subjetivamente está tratando de conquistar a condição de Pai, em benefício do seu próprio filho. Mas, como podemos perceber essa passagem?

Desde a antiguidade surge a questão do Pai incerto, duvidoso. Atualmente, com os ideais biólogos, parece que essa formulação foi abolida. Mas o Pai sempre é incerto se o relacionamos com a questão subjetiva. Porque um pai não cede totalmente o lugar de filho. O que faz, em todo caso, é dirigir uma demanda de filho aos seus pais, através de sua descendência (temos que levar em conta essa questão na clínica analítica).

Ou seja, o Pai está sempre sobreimposto na condição de filho. Quando um ser humano se torna pai, não ocupa automática e subjetivamente o lugar de Pai, ele deve conquistar esse lugar. Deve perder sua condição de filho para cedê-la ao seu próprio filho. Pode parecer óbvio mas não o é. Para que isso aconteça é necessário que na geração anterior um pai tenha cedido seu lugar ao filho. Isso só pode se realizar se o terceiro social, o Outro como garantia, enuncia qual é a verdade deste lugar, pondo em cena a imagem institucional do Pai. Este é um dos pontos atuais de falência pois o Outro soci-

*Aí é onde o drogado interpela
a sociedade pedindo uma resposta.
Interpela com um ato, nesse lugar vazio de Pai.*

al parece estar mudo ou confundido e assim deixa de ser uma referência ou perde a mesma.

Podemos observar isso nas instituições, onde quem tem que ocupar esse lugar brilha por sua ausência. Aí é onde o drogado interpela à sociedade pedindo uma resposta. Interpela com um ato, nesse lugar vazio de Pai. Aqui vemos o perigo que traz para as novas gerações a imagem de um Pai fraternal, construída pelo discurso social dos nossos tempos. A relação com

a imagem fundadora está adulterada (ou falsificada) cada vez que aparece um pai que não renuncia a sua posição de filho. Quando isto acontece, o “pai fraternal” coloca o seu filho no lugar de pai. Dessa maneira, o problema que surge não é somente um problema do pai, mas sim um problema do pai e do filho. Nessa dialética pai-filho, alguma coisa se perde. Aqui é onde aparece a questão do “sacrifício”; o que deve ser sacrificado e como? Abrão e Cristo são representações de cenas emblemáticas na nossa cultura, onde o homicídio do filho e o homicídio do pai são as duas caras da mesma questão que envolve a diferenciação humana.

O homicídio do pai significa o necessário sacrifício genealógico para a instituição da identidade. Atualmente o que aparece como efeito desta débil função paterna é uma enfermidade (ou alteração) da identidade. Lembrem aqui a apresentação dos pacientes quando dizem: sou drogado ou sou dependente ou sou alcoólico e anônimo, etc.

Procuram-se referências identificatórias parciais, de subgrupos, de totens privados são procuradas. Nestes tempos da cultura pós-industrial que nos impõe os ideais do sujeito-rei, auto fundado e auto suficiente, privatizam-se as relações à Referência, à Lei. Seria o que o cineasta Wenders denomina: “Promoção generalizada de indivíduos em miniestados”. Assistimos à sucessão infernal de massas desubjetivadas, com novas formas de morte dos

temos? Para responder a esta questão temos que articular dois tipos de reconhecimento: o institucional e o subjetivo. O institucional está dado pelas interpretações jurídicas. No subjetivo as funções ou os lugares não são sempre claros; às vezes a vida o resolve, outras não. A identidade surge de um processo, de uma conquista. O complexo de pai seria, seguindo a Freud, o princípio estrutural que funciona como dobradiça destes dois tipos de reconhecimento. O pai jurídico interfere muitas vezes para aceder à questão subjetiva do pai.

Eu gostaria de referir-me à crença no pai e sua função. A instituição do sujeito, ou seja, seu aparecimento em determinada cultura, em determinada família, como sujeito da palavra e do desejo passa pela crença no pai. Isto quer dizer que nenhum pai concreto é dono do proibido, nem dita suas leis, simplesmente exerce um ofício mediatizando a relação do seu filho no que se refere à lei e à cultura. Esta mediação só é possível através de um discurso que sustente o campo da cultura.

Insisto, ninguém tem o direito pleno de estar na posição de pai: entra-se na paternidade mediante a renúncia de sustentar sua própria pergunta de filho frente ao seu filho. Com isto nos referimos a um conceito essencial da função paterna que é o da “permutação simbólica” dos lugares entre gerações. O pai cede seu lugar de filho frente a seu filho, matando dentro de si a ele mesmo como filho. Além disso deve matar a seu pai para assim poder ocupar

o lugar de pai. Então, parricídio e filicídio são duas caras da mesma moeda e devem ser transitados por aqueles que desejem chegar a conquistar a função paterna.

A psicanálise, criadora do último mito sobre as origens, o “pai mitológico”, é justamente interpelada, nos nossos dias, pelo paciente drogado e seus familiares. Podemos dar alguma resposta a aqueles que se denominam “sem palavras”? (Em espanhol drogado se diz *adicto* - a dicto - que seria “sem palavra”).

Case Clínico

Pedro, um adolescente de 18 anos, vem à primeira consulta e diz:

-Estou aqui porque a minha mãe quer que eu venha, e por questões pessoais.

O motivo da mãe é porque Pedro consome ma-

No nosso século existe uma questão que não está clara, que é a normatividade que dá à filiação seu valor de verdade.

filhos, sem cadáveres. Nos anos setenta e na atualidade, na Argentina especialmente, por efeito do terrorismo de estado, “os desaparecidos”, presenciamos o aniquilamento subjetivo como consequência da adição às drogas (dependência). Assim, enquanto a categoria de Pai se desvanece, proliferam os tratados explicativos sobre o mesmo e a ciência passa a ocupar o lugar de ideal, descolocando assim a representação pai.

Dizia Freud: “O que você herdou dos seus pais, conquiste-o para possuí-lo”. Este paradoxal enunciado requer uma explicação: como pode ser obrigatório apoderar-se de algo que já

conha e álcool e para ela, tanto Pedro como os seus amigos são viciados. Os motivos de Pedro têm mais a ver com questões não resolvidas em relação ao sexo e ao amor; além disso ele pensa todo o tempo e não pode parar de pensar. Pedro me conta “sua história”.

-Como pode ser que o que me passou não se expresse de nenhuma forma? Ou, quem sabe eu não percebo?

De sua história, uma história bem a argentina, surge um signifiante a ser levado em conta: desaparecido. Filho de pai desaparecido em Tucumán, Pedro tinha aproximadamente um ano quando isto aconteceu. - “Não lembro nada, isso tem que me provocar algo, durante um mês estive com a minha avó, minha mãe esteve presa...”

“Eu chamo o marido da minha mãe de ‘meu pai’ mas na realidade não é, ele me deu carinho...”. “Olho as fotos do meu pai, dizem que eu sou igual a ele e eu não gosto, não o conheci”. Ele diz: “Não houve contato...” “Uma relação que não existe, um contato que não existe”.

Depois fala sobre seu consumo de maconha e diz que não lhe faz mal, que dessa maneira ele encontra “um contato impossível de se dar, de consegui-lo na realidade com os amigos”.

Ele diz: “ Não houve nenhum contato...” Existe uma falha no seu discurso, pois não pode dizer que ele ‘tem um contato’ com seu pai que não corresponde à realidade e que ele trata de encontrar no sonho a realidade desse contato. No que se refere a contato, depois aparecem pistas de que Pedro começa a consumir maconha quando sua mãe se separa do seu parceiro (a quem Pedro chamava pai). Atualmente Pedro

não aguenta estar sozinho com a sua mãe. Depois veremos outras situações que se passaram. Apelar o pai através do sonho, nos mostra como o tóxico passa a ocupar o lugar do fantasma que se foi desestabilizando. Não se trata da ausência real do pai, mas sim do que Pedro fez com essa ausência. Determinadas coordenadas estruturais coincidiram para que ele não pudesse afiançar seu próprio fantasma em relação a este pai. Neste sentido podemos falar da cumplicidade de três gerações: avó paterna, mãe e o próprio Pedro, para apagar o lugar do pai. A avó paterna evitando entregar a quem corresponde como herdeiro (Pedro) a herança do pai. E a mãe que se apodera da indenização outorgada a Pedro por ser filho de desaparecido. Esta encruzilhada do destino coloca Pedro, aos 16 anos, no começo do consumo de maconha. Poderíamos dizer, a ‘iniciação’ de Pedro. Reaparece a avó paterna de Pedro, que quer lhe restituir o que lhe corresponde por direito, o que motiva a Pedro a dizer: “Ela me disse que quer que retomemos as relações, que quer me conhecer e que eu conheça aos meus primos. Não sei o que quer do seu ‘filho-neto’. Este engano ou equivocação, não lapso, está dizendo: “Me tomaria pelo meu próprio pai, me tomou pelo meu próprio pai”. Ele não pode dizer: “O que quer essa senhora do seu neto?”, pois ao dizê-lo diria ‘meu pai’.

Ele não encontra conexão com a sua avó. Ele não sabe. O sujeito não sabe qual é a relação dele com sua avó, ‘quem é essa senhora’. Quando ele diz ‘filho-neto’ apaga o pai e se coloca em uma relação incestuosa com a sua mãe.

BIBLIOGRAFIA

- Aparicio, Daniela: *La prohibición del sacrificio* - Freudiana Numeroll (1994) -Escuela Europea de Psiconálisis - Catalunya
- Ferreyra, Norberto: *La experiencia del análisis* - Ediciones Kliné - Buenos Aires (1983)
- Freud, Sigmund : *Totem y Tabu (1912-1913)*
- El Malestar en la Cultura (1930[1929])*
- Psicología de las Masas y Análisis del Yo (1921)*
- El Porvenir de una ilusión (1927)*
- Moisés y la Religión Monoteísta (1939[1934-38])*
- Amorrotu Editores-Buenos Aires (1976)
- Geberovich, Fernando: *Un dolor irresistible - Toxicomania y pulsión de muerte*, Editora Letras Vivas-Buenos Aires (1998)
- Lacan, Jacques: “*Les nomes du pere*” em *Fascicule 2* - Seminário 1963
- “*De un discurso que no sería de la apariencia*”- *Seminario*
- Seminario XI*
- Seminario XVII*
- Legendre, Pierre: *Lecciones VIII - El crimen del Cabo Lortie - Tratado sobre el Padre*
- Siglo Veintiuno Editores - México/España (1984)
- Pommier, Gerard: *Freud apolítico?* Ediciones Nueva Visión- Buenos Aires (1987)
- Sören Kierkegaard: *Temor y Temblor*, Editora Nacional - Espanha (1981)